

“Era só o que faltava”: a formação do psicanalista no mercado do saber¹

Roberta Augusta Borges Calixto Paravidini

Resumo

Este artigo é parte de um trabalho de pesquisa sobre a formação do analista e consiste em uma versão estendida de uma comunicação realizada no XXV Encontro Nacional da EPFCL-Brasil, realizado em Maceió, em 2025. Neste trabalho, discuto as crescentes demandas de formação em psicanálise frequentemente sustentadas por promessas de soluções rápidas e rentáveis, revelando aquilo que podemos evidenciar no discurso capitalista: a transformação do saber em mercadoria, do sujeito em consumidor, da experiência em produto. Retomo brevemente as elaborações freudianas a respeito das resistências à psicanálise, propondo que tal mercantilização consiste em uma forma de resistência à psicanálise. Resistência que parece demonstrar os efeitos do discurso capitalista no campo psicanalítico, sob a forma de cooptação e destruição de seus fundamentos. Proponho pensar caminhos de trabalho a partir das proposições de Freud, Lacan e Soler, em que o analista deve interrogar o sintoma de sua época, sustentado na ética da psicanálise.

Palavras-chave:

Formação do analista; Mercantilização do saber;
Resistência à psicanálise; Psicanálise e discurso capitalista.

“That was all we needed”: the psychoanalytical treinning in the knowledge market

Abstract

This article is part of a research project about psychoanalytical training and consists of an extended version of a paper presented at the 25th National Meeting of EPFCL-Brasil, held in Maceió in 2025. The article discusses the growing demands for training in psychoanalysis, often sustained by promises of rapid and

¹ Artigo desenvolvido com base no trabalho apresentado no XXV Encontro Nacional da EPFCL-Brasil, realizado em Maceió (AL), no período de 16 a 19 de outubro de 2025.

profitable solutions, revealing what can be identified within capitalist discourse: the transformation of knowledge into a commodity, the subject into a consumer, and experience into a product. I briefly revisit Freud's elaborations on resistance to psychoanalysis, proposing that such commodification constitutes a form of resistance to psychoanalysis itself. This resistance appears to demonstrate the effects of capitalist discourse within the psychoanalytic field, in the form of the co-optation and destruction of its foundations. Finally, I propose possible paths for clinical and theoretical work based on the propositions of Freud, Lacan, and Soler, in which the analyst is called upon to interrogate the symptom of their time, grounded in the ethics of psychoanalysis.

Keywords:

Psychoanalytical training; Commodification of knowledge;
Resistance to psychoanalysis; Psychoanalysis and capitalist discourse.

“Solo me faltaba eso”: la formación del psicoanalista en el mercado del saber

Resumen

Este artículo forma parte de una investigación sobre la formación del psicoanalista y consiste en una versión extendida de una charla realizada en el XXV Encuentro Nacional de EPFCL-Brasil en Maceió, en el año de 2025. En este trabajo, discuto las crecientes necesidades de formación en psicoanálisis, frecuentemente sostenidas por promesas de soluciones rápidas y rentables, demostrando aquello que podemos evidenciar en el discurso capitalista: la transformación del saber en mercancía, del sujeto en consumidor, de la experiencia en producto. Vuelvo brevemente a las elaboraciones freudianas respecto a las resistencias al psicoanálisis, proponiendo que dicha comercialización consiste en un modo de resistir al psicoanálisis. Es esta resistencia que parece demostrar los efectos del discurso capitalista en el área psicanalítica bajo la forma de apropiación y destrucción de sus fundamentos. Propongo reflexionar sobre los caminos de trabajo a partir de las proposiciones de Freud, Lacan y Soler, las que señalan que el psicoanalista debe cuestionarse sobre el síntoma de su época, sostenido por la ética del psicoanálisis.

Palabras clave:

Formación del psicoanalista; Mercantilización del saber;
Resistencia al psicoanálisis; Psicoanálisis y discurso capitalista.

Il ne manquait plus que ça : la formation du psychanalyste sur le marché du savoir

Résumé

Cet article fait partie d'un travail de recherche sur la formation de l'analyste et constitue une version étendue d'une communication présentée lors du XXV^e Rencontre Nationale de l'EPFCL-Brésil, à Maceió en 2025. Dans ce travail, je discute les demandes croissantes de formation en psychanalyse, souvent soutenues par des promesses de solutions rapides et rentables, mettant en évidence ce que l'on peut repérer dans le discours capitaliste : la transformation du savoir en marchandise, du sujet en consommateur, de l'expérience en produit. Je reprends brièvement les élaborations freudiennes concernant les résistances à la psychanalyse, en proposant qu'une telle marchandisation constitue une forme de résistance à la psychanalyse. Une résistance qui semble manifester les effets du discours capitaliste dans le champ psychanalytique, sous la forme de cooptation et de destruction de ses fondements. Je propose de penser des voies de travail à partir des propositions de Freud, de Lacan et de Soler, selon lesquelles l'analyste doit interroger le symptôme de son époque, en se soutenant de l'éthique de la psychanalyse.

Mots-clés :

Formation de l'analyste ; Marchandisation du savoir ;
Résistance à la psychanalyse ; Psychanalyse et discours capitaliste.

O presente artigo é parte de um trabalho de pesquisa sobre a formação do analista e consiste em uma versão estendida de uma comunicação realizada no XXV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil), realizado em Maceió (AL), em 2025, momento em que me dediquei à tentativa de elaboração das crescentes demandas e ofertas de formação em psicanálise.

Parto de uma cena comum em nossos dias, que me aconteceu há uns dez anos: um profissional, formado em administração, com práticas de *coaching* e constelação familiar, aproxima-se da psicanálise como quem completa um portfólio de técnicas terapêuticas. “Só falta a psicanálise”, ele dizia, em busca de seu certificado de psicanalista. Em uma breve e corriqueira conversa, ficava explícito seu interesse em obter um certificado de psicanalista, porque “lhe disseram que seria bom para seu currículo”, e então ele queria saber como fazia para obter tal certificado. Tentei dizer-lhe que não era bem assim, falei do tripé, do longo percurso... ao que ele respondeu com mais perguntas: “mas o que é mesmo que faz um psicanalis-

ta?”. A cada colocação, ele replicava: “Mas isso também é o que eu faço.” Diante do diálogo infrutífero, encerrei a conversa: “Deite-se num divã, e talvez você possa encontrar alguma diferença.”

Recentemente, essa cena voltou à memória, ao observar a proliferação de cursos de “formação em psicanálise” e as imposturas disponíveis a um *like* de distância. Voltei a me interrogar sobre o que poderia provocar esse incremento nas ofertas e buscas de cursos, não de uma formação em psicanálise, tal como a concebemos no Campo Lacaniano, mas de uma conformação, revelando aquilo que podemos evidenciar no discurso capitalista: a transformação do saber em mercadoria, do sujeito em consumidor, da experiência em produto — até mesmo este significante, “experiência”, tem se tornado uma banal mercadoria.

O interesse crescente por formações em psicanálise, amplamente divulgado nas redes, é frequentemente sustentado por promessas de soluções rápidas e rentáveis, com anúncios apelativos como: “Desvende Freud”, “Descomplicando Lacan”, “Decifre seu inconsciente”, ante o que levanto uma hipótese: seria essa formação *prêt-à-porter* uma nova forma de resistência à psicanálise?

Desde o princípio, a psicanálise enfrenta resistências, tal como aponta Freud em “Uma dificuldade da psicanálise”. Nesse texto, Freud vai dizer que tal resistência advém de uma dificuldade afetiva ante a afronta ao amor próprio da humanidade que sua descoberta causou. Ele elenca as três feridas narcísicas causadas pelas descobertas de Copérnico, Darwin e a sua: “O Eu não é senhor em sua própria casa” (Freud, 1917/2010, p. 251).

O tema é retomado em “As resistências à psicanálise”, em que Freud afirma que tais resistências não são meramente intelectuais, como o discurso científico poderia fazer supor, mas que “poderosas forças emocionais foram despertadas, e, de fato, na teoria psicanalítica há muita coisa a que podemos atribuir tal efeito sobre as paixões das pessoas em geral, não apenas dos cientistas” (Freud, 1925/2011, p. 259).

Diante da descoberta do inconsciente, da teoria das pulsões, da sexualidade infantil e do complexo de Édipo, a psicanálise foi vista como “hostil à civilização” e “socialmente perigosa”. Tal hipocrisia cultural, como Freud nomeia, seria uma reação ao que a psicanálise revela do ponto mais sensível do desenvolvimento psíquico: a sexualidade infantil (Freud, 1925/2011, p. 263). Um saber sobre o sexual, sobre o insabido do sujeito, que provoca as paixões da ignorância, o não querer saber nada disso.

Se, na época de Freud, as resistências à psicanálise se apresentavam sob essa forma de recusa, de rechaço ao saber sobre o real do sexo, proponho pensar que, em nossa época, elas podem presentificar-se como uma “apropriação indébita” dos significantes psicanalíticos por parte do mercado. Como efeito, deparamo-nos

com a consequente banalização e fetichização da psicanálise e o esvaziamento simbólico de seus significantes.

Pensar a formação do psicanalista, hoje, exige alcançar o horizonte de nossa época e refletir sobre os efeitos do discurso capitalista em nosso campo. Pacheco Filho (2009) nos oferece uma imagem potente: se o capitalismo é a praga de nosso tempo, a psicanálise é sua peste — não como antídoto, mas como aquilo que contamina a ilusão de totalidade. A questão é: como nos situarmos ante a espiral a que nos arrasta na época sem sermos engolidos por ela?

Em texto mais recente, Pacheco Filho forja a expressão “uberização do psicanalista”, para descrever os efeitos do discurso capitalista em nosso campo: “O discurso capitalista é uma ameaça sempre presente de cooptação e de destruição de sua ética e discurso por aqueles que lucrariam ao transformar o processo de análise e uma pseudoformação de analistas em mercadorias lucrativas” (Pacheco Filho, 2024, p. 45).

O sujeito, alienado ao Outro do Mercado, não quer saber do inconsciente, da fantasia, do desejo ou do gozo. No “mercado livre” de ofertas, o tal diploma de psicanalista fica a um clique de distância. Nesse sentido, as ofertas de formação em psicanálise também podem advir como mercadorias, *gadgets* que se propõem tamponar o insabido do real em jogo na formação do analista.

Mas, se nos colocamos em trabalho em torno da questão da formação do analista mais uma vez, é porque de fato trata-se de uma urgência, um tema que requer nossa atenção e cuidado, desde dentro do movimento psicanalítico. Pois se estamos, a maioria daqueles que se localizam eticamente no campo freudiano, advertidos das orientações de Freud e Lacan sobre os fundamentos da psicanálise, sobre a ética do desejo e sobre a importância dos dispositivos da Escola, qual seria nossa responsabilidade ante essa desordem da qual nos queixamos?

Em “A psicanálise verdadeira e a falsa”, Lacan me parece colocar em questão a implicação dos psicanalistas ante a resistência à psicanálise:

Se esta existe (a resistência) agora em algum lugar, não é em outro senão entre os próprios psicanalistas, patente no esforço de se impor pelas analogias mais bastardas e pelas ficções mais duvidosas — em conjunção com a falsa pudicícia que eles manifestam diante dos empregos variadamente abusivos que se fazem, do lado de fora, das ideias que eles difundem, não sem experimentarem com relação a isso uma secreta complacência. Cabe-rá ver no consentimento de que eles gozam em metade do mundo civilizado um efeito do perdão merecido por aqueles que não sabem o que fazem? (Lacan, 1958/2003, p. 181)

De modo mais preciso, em seu “Ato de fundação”, Lacan nos convoca para uma crítica assídua, que “denuncie os desvios e as concessões que amortecem seu progresso, degradando seu emprego” (Lacan, 1964/2003, p. 235).

Como fazer operar esse posicionamento ético e político hoje?

Muito se tem avançado nos últimos anos dentro do Campo Freudiano no que diz respeito ao diálogo com a pólis, à presentificação da psicanálise no mundo, aos recentes avanços contra a regulamentação dos cursos de graduação em psicanálise e ao enodamento com o trabalho de Escola, cerne da formação do psicanalista. Onde podemos interrogar se estamos à altura de dar um tratamento ético a essa questão.

Minha aposta é de que sim. E encontro ressonância para essa aposta em Colette Soler, quando afirma, em seu seminário *O que faz laço?*, que a sustentação de uma Escola só é possível a partir do discurso que a funda como laço social. E esse discurso só pode ser o da histeria, não a histeria como estrutura clínica, mas a histeria analisante de Lacan, aquela que, dissociada dos sintomas do corpo que definem a estrutura clínica, pode interessar-se pelo sintoma do outro, pode interrogar o sintoma de nossa época. “É uma histeria produzida pelo artifício do discurso analítico e que tem por virtude produzir saber” (Soler, 2016, p. 87).

Assim, se há dez anos o “Era só o que me faltava” do meu interlocutor do início do texto, especulador de mercadorias, causou-me imenso incômodo e estranhamento, é também a partir desse furo que considero possível operar em torno do real da formação do analista, como vórtice do meu próprio percurso de formação, em que a clínica, a teoria e pólis se enodam.

Referências bibliográficas

- Freud, S. (2010). Uma dificuldade da psicanálise. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 14). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (2011). As resistências à psicanálise. In S. Freud. *Obras completas* (Vol. 16). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925)
- Lacan, J. (2003). A psicanálise verdadeira e a falsa. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 173-182). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (2003). Ato de fundação. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 235-247). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Pacheco Filho, R. A. (2009, janeiro-junho). A praga do capitalismo e a peste da psicanálise. *A Peste: Revista de Psicanálise, Sociedade e Filosofia*, 1(1), 143-163. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/apeste/article/view/2704/1747>

Pacheco Filho, R. A. (2024). A uberização do psicanalista e os perigos para a psicanálise e a Escola: do amor pelo saber à paixão da ignorância. *Stylus: Revista de Psicanálise*, 1(45), 37-47. Recuperado de <https://stylus.emnuvens.com.br/cs/article/view/1010>

Soler, C. (2016). *O que faz laço?*. São Paulo: Escuta.

Recebido: 27/02/2026

Aprovado: 30/03/2026